

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

<i>Introdução</i>	Páginas VII
-------------------	----------------

A FORMAÇÃO DE UMA CIVILIZAÇÃO ATLÂNTICA MARÍTIMA E LIBERAL (1789-1830)

LIVRO

*A Revolução põe termo ao antigo regime, mas malogra-se
a sua tentativa de criar um regime liberal*

CAPÍTULO I.— *A revolução liberal estabelece a monarquia constitucional na França.*

- | | |
|---|----|
| 1. <i>A instituição da monarquia constitucional</i> | 3 |
| O absolutismo, a oposição aristocrática e a oposição liberal defrontam-se nos estados gerais, pág. 3. — O terceiro estado proclama-se Assembleia Nacional, pág. 4. — A Assembleia Nacional erige-se em Constituinte, pág. 4. — A derrocada do absolutismo, pág. 5. — A França divide-se em comunas autónomas, pág. 6. — A Constituinte suprime os privilégios, pág. 6. — A proclamação dos direitos do homem, pág. 7. — A reacção da corte e a agitação popular, pág. 8. — A intervenção da rua na política, pág. 8. — A Constituinte dá à França uma constituição monárquica, liberal e individualista, pág. 10. — A constituição civil do clero, pág. 16. — A crise financeira leva a Constituinte a pôr os bens do clero à disposição do Estado, pág. 17. — A instalação da monarquia constitucional, pág. 18. | |
| 2. <i>As crises do novo regime</i> | 19 |
| Difícil adaptação às novas instituições, pág. 19. — A Constituinte atribui-se plenos poderes, pág. 20. — A crise financeira, pág. 21. — A crise religiosa, pág. 21. — A crise da realeza, pág. 22. — A crise internacional, pág. 23. — A fuga do rei, pág. 24. — A declaração de Pillnitz, pág. 24. — A Constituinte mantém a monarquia constitucional; pág. 25. | |

CAPÍTULO II — *A Europa em face da Revolução Francesa.*

1. *A Inglaterra, dominada por preocupações económicas, pratica uma política de paz*
A política de «produção» e de equilíbrio orçamental, pág. 26. — A economia domina a política inglesa, pág. 28.
2. *O absolutismo impõe-se entre as monarquias ocidentais*
Esboça-se uma reacção absolutista em Espanha, em Portugal, na Holanda e na Sicília, pág. 29.—A Suécia regressa ao absolutismo, pág. 30.—A Dinamarca pratica uma política de neutralidade, pág. 30. — A Itália permanece dominada pelo espírito local, pág. 30. — As repúblicas italianas e suíças são oligarquias conservadoras, pág. 31.
3. *A revolução liberal fracassa na Bélgica*
A oposição conservadora e a oposição liberal ao autoritarismo de José II, pág. 32. — A revolução liberal no principado episcopal de Liège, pág. 33. — Os liberais triunfam em Liège e nos Países Baixos, pág. 33.—O rei da Prússia ocupa Liège, pág. 34. — Nos Países Baixos, os «estatistas» rompem com os liberais e proclamam a independência dos Estados Belgas Unidos, pág. 34. — Os privilegiados opõem-se à implantação da monarquia parlamentar, pág. 34. — A agitação popular no principado de Liège, pág. 35.
4. *Ameaçadas pelo liberalismo, a Áustria e a Prússia aproximam-se uma da outra.*
O fracasso da política reformista de José II, pág. 35. — A Prússia pratica na Alemanha uma política que a volta contra a Áustria, pág. 36. — Leopoldo II (1790-1792) pacifica os Estados habsburgueses e restabelece a «entente» entre as monarquias continentais, pág. 37.—A Rússia não adere à política de paz continental, pág. 38.
5. *As monarquias absolutistas agrupam-se contra a monarquia constitucional instaurada em França.*
O recuo das ideias liberais na Europa, pág. 38. — As monarquias continentais e a Santa Sé contra a França liberal, pág. 39.

CAPÍTULO III — *A queda da monarquia provoca o malogro da revolução liberal*

A maioria constitucional da Assembleia Legislativa deixa-se arrastar para uma política de guerra civil, pág. 41. — A França declara guerra à Áustria, pág. 42. — A atitude das três monarquias continentais perante a questão polaca e a Revolução Francesa, pág. 44. — Em França a guerra abre o caminho à ditadura insurreccional, pág. 45. — A 10 de Agosto de 1792, sob a ameaça da sublevação, a Assembleia suspende os poderes do rei, pág. 47. — A ditadura insurreccional põe fim à monarquia constitucional, pág. 48. — A repercussão dos acontecimentos de 10 de Agosto na situação internacional, pág. 49.—A implantação da política de terror por meio de insurreição, pág. 50. — O exército austro-prussiano é detido em Valmy, pág. 51.

CAPÍTULO IV — *O fracasso da República constitucional.*

1. *Os revolucionários dominam a República*
Os exércitos da República conquistam Nice, os Estados do príncipe-

-bispo de Basileia e a Bélgica, pág. 52.—Na Convenção, a revolucionária «Montanha» triunfa dos girondinos liberais, pág. 52.— A Convenção vota a morte de Luiz XVI, pág. 53.— A execução do rei põe fim ao regime liberal e inicia o Terror, pág. 54.

A República adopta a política de anexações ao mesmo título que as monarquias absolutas

34

A Convenção anexa a Bélgica, a Renânia e o principado episcopal de Basileia, pág. 54.— A Rússia e a Prússia partilham novamente a Polónia, pág. 55.

A coligação da Europa contra a República Francesa

Na Inglaterra, a opinião liberal desvia-se da revolução, pág. 56.— Os excessos da Convenção provocam no continente uma reacção anti-liberal, pág. 56.— A anexação da Bélgica leva a Inglaterra a afastar-se da França, pág. 57.— A Convenção declara a guerra à Inglaterra, à Holanda e à Espanha, pág. 58.— Os Estados Unidos recusam à França o auxílio previsto no tratado de aliança de 1778, pág. 58.— A França isolada, pág. 59.

C. TÍTULO V — A República autoritária transforma-se em ditadura terrorista.

A ditadura da Convenção.

A invasão da França provoca a queda dos liberais, pág. 60.— A Convenção substitui uma república democrática autoritária ao regime constitucional e liberal, pág. 61.— Os aliados reconquistam a Bélgica e apoiam a insurreição da Vendéia, pág. 61.— A ditadura terrorista, pág. 62.— A justificação «mística» da ditadura, pág. 63.— A ditadura envereda pelo caminho do dirigismo e do estatismo económico, pág. 65.— Para criar à república uma base estável, a Convenção tenta desenvolver a pequena propriedade, pág. 66.

2. A República vence a coligação europeia.

As fraquezas da coligação, pág. 67.— A França refaz-se militarmente e reconquista a Bélgica, pág. 68.— A Inglaterra aproxima-se dos Estados Unidos e organiza o bloqueio da França, pág. 69.

A caminho da ditadura pessoal.

69

A ditadura vitoriosa agrava o Terror, pág. 69.— É estabelecido o partido único, pág. 69.— A luta pela ditadura no seio dos comités, pág. 70.— A ditadura pessoal de Robespierre, pág. 71.— A ditadura tenta estabilizar-se efectuando, pelo terror, uma redistribuição da propriedade, pág. 72.— A ditadura totalitária, pág. 73.— Robespierre tenta fazer da ditadura um sistema permanente, pág. 73.— A queda de Robespierre, pág. 73.

4. A Convenção procura regressar ao liberalismo e impõe à Europa uma paz vitoriosa

A Convenção destrói os instrumentos da ditadura, pág. 76.— Realistas e jacobinos opõem-se ao restabelecimento do liberalismo, pág. 77.— O tratado de Basileia confirma a vitória da Convenção sobre os aliados, pág. 78.— O tratado de Haia faz da Holanda uma república satélite da francesa, pág. 78.— O segundo tratado de Basileia prepara a reconstituição colonial da França, pág. 79.— A Rússia, a Prússia e a Áustria efectuem a terceira partilha da Polónia, pág. 79.— A política imperialista da França torna impossível a paz com a Inglaterra, pág. 80.

CAPÍTULO VI — *A tentativa infrutífera para restaurar uma república constitucional abre o caminho à ditadura militar e reacende a guerra (1795-1799).*

1. *O Directório tenta instaurar uma república constitucional.*
A constituição directorial (1795), pág. 82. — A obra construtiva da Convenção, pág. 84. — As dificuldades do regresso ao liberalismo, pág. 84.
2. *A política de conquistas provoca o malogro da república constitucional.*
O liberalismo é incompatível com a guerra de conquistas, pág. 86. — A Itália, via natural do ataque à Áustria, pág. 87. — A campanha da Itália permite a Bonaparte tratar com o Directório de potência para potência, pág. 88.
3. *Bonaparte, senhor do Norte da Itália, impõe ao Directório a sua autoridade*
As eleições de 1797 dão a maioria aos realistas, pág. 90. — Para salvar a República, o Directório tenta um golpe de Estado, de que resulta a ditadura militar, pág. 91. — Pela paz de Campo-Fórmio, Bonaparte impõe ao Directório os seus objectivos imperialistas, pág. 91. — Bonaparte assenhoreia-se da Itália, pág. 92. — A Suíça é reduzida à vassalagem, e Gênebra anexada, pág. 94. — Vassalização da Holanda, pág. 95. — O congresso de Rastadt evidencia a desagregação do Império germânico, pág. 95. — O fim do regime directorial, pág. 96.
4. *O imperialismo francês provoca a formação da segunda coligação.*
O czar Paulo I tenta uma política de paz internacional, pág. 97. — Bonaparte decide o Directório a empreender uma campanha no Egito, pág. 99. — A segunda coligação reúne contra a França a Inglaterra, a Turquia, a Rússia e a Áustria, pág. 100. — A intervenção russa, pág. 101. — A República procura restabelecer a sua autoridade, pág. 102. — Bonaparte apodera-se do poder pela força, pág. 102.

LIVRO II

Napoleão Bonaparte tenta impor à Europa um Império autoritário que o domínio marítimo da Inglaterra torna irrealizável

CAPÍTULO VII — *Bonaparte instaura o seu poder pessoal e tenta criar um império mediterrâneo (1799-1802).*

1. *O Consulado prepara a instituição do regime autoritário.*
A constituição do ano VIII reúne todos os poderes nas mãos de Bonaparte, pág. 105. — Bonaparte acaba com o regime dos partidos, pág. 107. — A associação dos princípios da liberdade individual e da igualdade civil à autoridade centralizadora do Estado, pág. 107. — A substituição do dirigismo pelo liberalismo económico restaura a prosperidade, pág. 108. — A Concordata de 1801 adapta a Igreja ao novo regime, pág. 109. — O Consulado chama a si a direcção do ensino, pág. 110. — A preparação do Código Civil, pág. 111. — Bonaparte prepara uma nova aristocracia militar, pág. 113.

França, depois de agrupar à sua volta o Ocidente da Europa, tenta realizar uma política de expansão marítima

Bonaparte reconquista a Itália, e impõe à Áustria a paz de Lunéville, que estabelece a sua hegemonia continental, pág. 113. — Para se firmar na América, o Consulado aproxima-se dos Estados Unidos, pág. 115. — A política marítima de Paulo I afasta a Rússia da Inglaterra e aproxima-a da França, pág. 117. — Bonaparte procura obter o concurso da Áustria e da Rússia para a partilha do Império otomano, pág. 118. — A política de expansão marítima de Bonaparte é dirigida contra a Inglaterra e ameaça a Índia, pág. 118. — Pondo termo à ocupação francesa do Egito, a Inglaterra delta por terra os planos de Bonaparte, pág. 119. — A Inglaterra tenta restabelecer a paz, assinando os preliminares de Londres, pág. 120. — Bonaparte impõe-se como senhor do Ocidente e árbitro da Europa, pág. 121. — O tratado de Amiens sanciona a supremacia francesa sobre a Europa ocidental, pág. 121. — Bonaparte projecta um condomínio franco-russo do continente, pág. 122.

Consulado faz da França o centro de uma federação de repúblicas baseadas no princípio do governo autoritário

A política de assimilação nos países anexados, pág. 123. — Na margem esquerda do Reno, pág. 123. — Na Bélgica, pág. 124. — O Consulado impõe às repúblicas satélites governos autoritários, pág. 125.

CAPÍTULO VIII — *Bonaparte sujeita o ocidente da Europa ao império autoritário (1802-1806).*

1. *A paz de Amiens estabelece as condições de um agrupamento da Europa*

O Ocidente agrupa-se em torno da França, pág. 128. — A Alemanha, partilhada entre as tendências ocidentais e as do Leste europeu, evolui para a concentração política, pág. 130. — A Rússia, representando a tendência civilizacional oposta à da França, aspira como ela à hegemonia sobre a Europa continental, pág. 131. — Esboça-se novo equilíbrio europeu, pág. 131. — O imperialismo de Bonaparte impede a efectivação de novo equilíbrio europeu, pág. 132.

Bonaparte prepara a restauração do absolutismo e empreende uma política de hegemonia

A constituição de 1802 torna o Consulado vitalício, pág. 133. — Bonaparte procura realizar uma larga política colonial, pág. 134. — A Inglaterra retoma a guerra e opõe-se à política colonial da França, pág. 135. — Bonaparte propõe ao czar o condomínio franco-russo do continente, pág. 136.

Bonaparte restaura a monarquia sob a forma do império autoritário 137

Bonaparte é proclamado imperador dos Franceses (18 de Maio de 1804), pág. 137. — O Império afirma-se liberal e baseado no liberalismo, pág. 137. — A prosperidade que a França lhe deve obtém para o Império o apoio de todas as classes da população, pág. 139.

4. *A Rússia empreende uma política de reformas.* 140

Alexandre I (1801-1825) deseja a paz para levar a cabo vastas reformas internas, pág. 140.

Os Estados Unidos estendem-se pela América do Norte 41

A política de centralização impõe-se nos Estados Unidos, pág. 141. — A esquadra americana intervém no Mediterrâneo contra os piratas de Tripoli, pág. 142. — A França vende a Luisiânia aos Estados Unidos, pág. 142.

Inglaterra forma a terceira coligação contra o Império francês 43

A Rússia, receando a extensão do poderio francês, alia-se à Inglaterra (1805), pág. 143. — A França é definitivamente vencida no mar pela vitória inglesa de Trafalgar, pág. 144. — A vitória de Austerlitz dá a Napoleão o domínio incontestável do continente, pág. 144.

TULO IX — *Napoleão estende o seu império até ao Elba e pretende impor a sua autoridade à Europa inteira, pondo novamente em crise a unidade europeia (1806-1814).*

política de imperialismo dinástico 47

Napoleão envereda pelo caminho do imperialismo dinástico, pág. 145. — A apropriação da Itália, pág. 145. — A Holanda é transformada em reino, pág. 145. — Napoleão dispõe do principado de Neuchâtel, pág. 146. — A Espanha continua a ser uma aliada protegida, pág. 146. — Napoleão estende a sua suzerania à Alemanha, e funda a Confederação do Reno, pág. 146. — Os desígnios da França sobre o Oriente unem a Áustria e a Rússia contra a França, pág. 147. — A Europa continental cinde-se em dois blocos, de um lado o Ocidente, do outro as três grandes monarquias continentais, pág. 148. — A quarta coligação empreende a luta pela instauração das hegemonias da Inglaterra e da Rússia, pág. 148. — Napoleão vence a quarta coligação e decreta o bloqueio continental contra a Inglaterra (1806), pág. 149. — A paz de Tilsit substitui a França à Inglaterra como aliado ocidental da Rússia, pág. 149. — As fronteiras do império estendem-se até ao Elba, pág. 150. — O Império do Ocidente, pág. 150. — Napoleão estabelece na França o imperialismo autoritário, pág. 152.

Napoleão pretende estender a sua autoridade a todo o continente europeu

Napoleão procura impor ao continente uma organização económica autárquica, pág. 153. — A Dinamarca é constrangida a aliar-se à França, pág. 163. — Portugal é anexado à Espanha, pág. 153. — A Espanha torna-se um reino vassalo, pág. 153. — Os exércitos francezes ocupam os Estados da Igreja, pág. 154. — Alexandre I ocupa a Finlândia, pág. 154. — A reacção continental contra a unidade europeia, pág. 154. — A reacção nacional da Rússia, pág. 155. — A insurreição espanhola, pág. 156. — Para neutralizar a eventual resistência da Europa central, Napoleão faz largas concessões à Rússia, pág. 156. — Os primeiros sintomas da crise interna em França, pág. 157. — A Inglaterra forma com a Áustria a 5.ª coligação, pág. 158. — A paz de Viena (1809) desmembra a Áustria, pág. 159.

Império da Europa

Napoleão afirma a supremacia do poder imperial sobre a Santa Sé, pág. 159. — Napoleão desposa Maria-Luiza de Habsburgo e impõe-se como o primeiro entre todos os soberanos, pág. 160. — Imperador da catolicidade, pág. 161. — A autarquia continental é organizada no interesse exclusivo da França, pág. 162. — A Holanda dedica-se ao contrabando e é anexada pelo império, pág. 167. — O Valais é anexado e o

Tessino ocupado, pág. 167. — A Rússia torna-se o centro da resistência à autarquia continental, pág. 167. — A anexação das cidades hanseáticas, pág. 168. — A Rússia abre os seus portos aos navios americanos, pág. 168.

Prepara-se o conflito de hegemonia entre o Império francês e o Império russo

169

As ambições imperialistas de Napoleão põem-no em conflito com a evolução histórica das nações ocidentais reunidas no Império francês, pág. 169. — As ambições políticas da Rússia, pág. 171. — As tendências reformistas na Rússia, pág. 172. — A Inglaterra e a Rússia pretendem-se protectoras da liberdade dos povos, pág. 172. — A insurreição espanhola triunfa e estabelece uma constituição liberal, pág. 173. — Napoleão, dando-se como senhor e representante da Europa, empreende uma cruzada contra a Rússia, pág. 173. — A oposição no interior do Império nas vésperas da campanha de 1812, pág. 174. — A guerra contra a Rússia, pág. 175. — O desastre da campanha da Rússia revela a fraqueza interna do Império e levanta de novo a Europa contra ele, pág. 176. — Para resistir à sublevação da Europa, Napoleão tenta reobter o apoio do povo francês, pág. 177. — A 6.^a coligação, pág. 177. — O Corpo Legislativo exige o restabelecimento do regime liberal, pág. 178. — A derrocada, pág. 179.

LIVRO III

O mundo em 1814

CAPÍTULO X *A Europa em 1814*

181

A Inglaterra liberal, grande império marítimo, impõe-se como primeira potência mundial

182

Liberalismo económico e rápido progresso da indústria mecanizada, pág. 182. — Liberalismo económico e poderio financeiro, pág. 183. — Os *tories* tomam conta do poder, pág. 185. — Forma-se um grupo radical democrático no seio do partido liberal, pág. 185. — A recusa de emancipar os católicos afasta definitivamente a Irlanda da Inglaterra, pág. 185. — O liberalismo da Inglaterra faz-lhe ganhar definitivamente a fidelidade do Canadá, pág. 186. — As guerras da Revolução e do Império tornaram a Inglaterra na primeira potência mundial, pág. 187. — A Inglaterra torna-se um império marítimo, pág. 187.

Nos países anexados e satélites do Império, o antigo regime chega ao seu termo, e realiza-se a revolução liberal

189

O Ocidente uniformiza-se sob a influência das instituições francesas, pág. 189. — O desenvolvimento industrial da Bélgica, pág. 191. — A decadência económica da Holanda, pág. 192. — A oposição ao Império, pág. 192. — O Império preparou a formação, na Bélgica, na Itália e na Alemanha, de Estados nacionais, pág. 193. — O malogro da independência italiana, pág. 194. — A Holanda absorve a Bélgica, criando-se o reino constitucional dos Países Baixos, pág. 195. — As regiões da Alemanha entre o Reno e o Elba evoluem para a emancipação individual e a unidade, pág. 197.

- A Espanha e Portugal, isolados da evolução ocidental, perdem o carácter de grandes potências* 197
 A Espanha regressa ao antigo regime, pág. 197. — Portugal sossobra em profunda decadência, pág. 198.
- Na Alemanha, onde o nacionalismo desperta, a Prússia assume o papel de potência condutora* 200
 A Prússia, rechaçada para além do Elba, escapa à influência liberal do Ocidente, pág. 200. — O renascimento intelectual toma, na Alemanha, carácter nacionalista, pág. 201. — Fichte dá ao povo alemão a convicção de ser o povo eleito, pág. 202. — Hegel estabelece uma doutrina que faz do estatismo a base da moral, pág. 204. — Malogra-se a reforma liberal tentada na Prússia por Stein e Hardenberg, pág. 205. — Scharnhorst restabelece o exército prussiano, pág. 206. — A Prússia torna-se a encarnação da pátria alemã, pág. 207.
- O Império da Áustria aspira à hegemonia continental* 20
 A Áustria continua a ser um Estado de antigo regime, pág. 207. — A Áustria eslaviza-se e magiariza-se, pág. 208. — A Áustria obtém novamente acesso ao mar, pág. 209. — A Áustria, império compósito, pág. 209. — A Áustria aspira à hegemonia, pág. 211.
6. *A Rússia procura alcançar a supremacia mundial* 211
 A Rússia constitui o tipo do Estado continental, que tende para a expansão permanente, pág. 211. — O czar pretende fazer da Polónia um reino sob a sua autoridade, pág. 213. — A Rússia é o maior império territorial do mundo, pág. 214.
7. *As diversas zonas da Europa em 1814* 211
 A Inglaterra, pág. 215. — A zona ocidental, pág. 215. — A Rússia, pág. 216. — A Europa de além Elba, pág. 217. — A Europa central, pág. 217. — Não existe unidade europeia, pág. 218.
- CAPÍTULO XI — *A América em 1814.*
1. *O Canadá e os Estados Unidos garantem a preponderância do elemento anglo-saxão no mundo* 219
 O Canadá torna-se um Estado associado ao Reino Unido, pág. 219. — Forma-se nos Estados Unidos um sentimento nacional, pág. 219. — A guerra contra a Inglaterra dá aos Estados Unidos categoria de potência, pág. 220. — O desenvolvimento dos Estados Unidos assegura a preponderância anglo-saxónica no mundo, pág. 221. — Os Estados Unidos intervêm nos grandes problemas da política europeia, pág. 222.
2. *Prepara-se na América Latina o fim da era colonial* 222
 A composição híbrida e a dificuldade das comunicações na América Latina, pág. 222. — Após o tratado de Basileia, a Inglaterra tenta em vão provocar a sublevação das colónias espanholas, pág. 224. — O Brasil torna-se a parte essencial do reino de Portugal, pág. 224. — A abdicação de Fernando VII desencadeia a luta pela independência nas colónias espanholas, pág. 224. — O malogro da insurreição liberal, pág. 226. — Fernando VII restabelece pelo terror o regime colonial, pág. 226. — O Brasil permanece unido a Portugal, pág. 227. — As diversas zonas da América em 1814, pág. 227.

XII — *A Ásia, a África, a Oceania e o Pacífico em 1814.*

<i>A Ásia</i>	228
A decadência do Império otomano, pág. 228. — A Pérsia é disputada pelos imperialismos russo e inglês, pág. 229. — A antiga via do tráfico internacional da Ásia Central é quase abandonada, pág. 230. — O Afeganistão e o Beluquistão formam uma barreira entre a Índia e a Pérsia, pág. 231. — A Índia torna-se um império colonial inglês, pág. 232. — O Oceano Índico cai sob o domínio da Inglaterra, pág. 232. — A China isola-se no imobilismo, pág. 233. — O Japão vive isolado da Europa, pág. 233. — A Rússia, ocupando a Sibéria, torna-se uma grande potência euro-asiática, pág. 234. — As diversas zonas da Ásia, pág. 234.	
<i>A África</i>	235
O Egito é o primeiro país muçulmano que se abre à civilização ocidental, pág. 235. — Os Estados barbarescos, anárquicos, dedicam-se à pirataria no Mediterrâneo e traficam com a região do Sahará, pág. 236. — O império de Marrocos entra em contacto com as potências marítimas da Europa, pág. 237. — Zanzibar, base árabe da pirataria e do tráfico dos negros, pág. 238. — Os Ingleses põem termo ao tráfico dos negros praticado pelos europeus, pág. 238. — O Cabo, único Estado europeu da África, pág. 239.	
<i>O impulso em direcção ao Pacífico</i>	239
<i>A Europa domina todos os mares do mundo e instala-se em todos os continentes</i>	240

IVRO IV

*O Congresso de Viena procura organizar a paz restabelecendo o princípio do equilíbrio europeu*CAPÍTULO XIII — *As correntes do pensamento em 1814.*

1. <i>A posição da França em face da Europa</i>	243
A França perde a primazia intelectual, pág. 243.	
2. <i>A ciência conserva o carácter universalista</i>	247
3. <i>O aparecimento do nacionalismo</i>	
O liberalismo cinge-se aos países ocidentais, pág. 249. — O nacionalismo substitui-se ao liberalismo como corrente europeia, pág. 249. — A função universalista do catolicismo e do calvinismo, pág. 250. — De todas as confissões cristãs, só o luteranismo é nacionalista, pág. 251. — A religião ortodoxa serve de veículo ao imperialismo russo, pág. 251.	

CAPÍTULO XIV — *É instituído em França e nos Países Baixos o sistema parlamentar.*

1. <i>Restabelecimento da monarquia constitucional em França</i>	252
Luiz XVIII é chamado pelo senado a ocupar o trono, para restabelecer	

a monarquia constitucional, pág. 252.—Luiz XVIII acede a conceder uma Carta, mas recusa se a admitir o princípio da soberania nacional, pág. 253.—A França faz a paz com a Europa, pág. 255.—A monarquia constitucional, pág. 255.

A instauração do regime parlamentar no reino dos Países Baixos

257

CAPÍTULO XV.—*A hegemonia inglesa e a organização da paz.*

Os preliminares da organização da paz e a paz de Paris

A tentativa para organizar a segurança colectiva, pág. 259.—A hegemonia marítima da Inglaterra e as aspirações russas de hegemonia universal, pág. 259.—A Áustria pretende obter a hegemonia sobre o continente europeu, a Prússia sobre a Alemanha, pág. 261.—A importância do elemento americano, pág. 261.—As grandes potências em face da França, pág. 262.—O tratado de Chaumont sela a aliança das quatro potências contra a França, pág. 264.—A Inglaterra e a Rússia rivalizam para impor a sua influência à França, pág. 263.—A paz de Paris poupa a França, (30 de Maio de 1814), pág. 264.—Acentua-se o desentendimento entre a Rússia e a Inglaterra, pág. 266.

O congresso de Viena

267

A Inglaterra exerce a função de árbitro entre as potências continentais, pág. 267.—A Rússia tenta impor em Viena o plano de anexações em que pretende assentar a sua hegemonia, pág. 267.—Já antes de começar o congresso os aliados se acham divididos, pág. 268.—A França aproveitasse dos desentendimentos entre os aliados para minar a quadrupla aliança, pág. 268.—A França sai do isolamento. Prepara-se uma «entente» entre a Áustria, a França e a Inglaterra, pág. 269.—A Inglaterra assina a paz de Gand com os Estados Unidos e adere secretamente a uma aliança austro-franco-britânica contra a Rússia, pág. 270.—A Inglaterra faz prevalecer o seu plano de equilíbrio continental, pág. 264.—O regresso de Napoleão à França precipita as decisões finais do congresso de Viena, pág. 271.—Estabelece-se a Confederação germânica, pág. 272.—Os Bourbons são restaurados em Nápoles, pág. 275.—A supremacia austríaca impõe-se na Itália, pág. 275.—A acta final do congresso de Viena estabelece o equilíbrio das potências continentais desejado pela Inglaterra, pág. 275.

Os Cem Dias e o segundo tratado de Paris

276

Napoleão proclama o império liberal, pág. 276.—A quadrupla aliança empreende uma luta decisiva contra Napoleão, pág. 278.—Os aliados fixam entre si as condições a impor à França, pág. 278.—O czar Alexandre I propõe que se constitua uma «Santa Aliança», baseada nos princípios do cristianismo, pág. 280.—Alexandre I tenta obter a supremacia na Santa Aliança pondo em prática uma política dinástica, pág. 282.—O segundo tratado de Paris impõe à França as fronteiras de 1790, e sujeita-a ao pagamento de uma indemnização de guerra, pág. 283.

4. *A Europa depois da organização da paz em 1815*

284

O congresso de Viena organiza a paz continental pelo equilíbrio das grandes potências, pág. 284.—As fronteiras da Europa ocidental recuam para Oeste do Reno, pág. 284.—A Inglaterra organiza a paz nos mares pelo liberalismo, pág. 285.

LIVRO V

*O liberalismo triunfa nos países atlânticos. O absolutismo intensifica-se nas monarquias continentais*CAPÍTULO XVI — *A evolução económica entre 1815 e 1830.*1. *A economia da Europa e da América* 289

A crise que se segue a 1815 faz enveredar as potências industriais para o protecçãoismo, pág. 289.—A Inglaterra restabelece o livre-câmbio, pág. 293.—A crise de 1825 faz reaparecer na Inglaterra o protecçãoismo agrário, pág. 294.—Os Países Baixos adoptam uma política de livre-câmbio para a indústria, e protecçãoista para a agricultura, pág. 294.—A crise industrial da Suíça, pág. 295.—A decadência da Itália e da Espanha, pág. 295.—Os grandes Estados continentais preparam a sua unidade política. O início do *Zollverein* alemão, pág. 296.—Os Estados Unidos industrializam-se e equipam-se tècnicamente, pág. 297.—A economia da América Latina é essencialmente agrícola e mineira, pág. 298.—O Atlântico Norte constitui um todo económico, pág. 298.

2. *O capitalismo* 299

A função dos bancos, pág. 299.—O desenvolvimento da indústria dá origem à formação de um proletariado miserável, pág. 300.—As teorias económicas, pág. 301.—As teorias sociais, pág. 302.—Realizações sociais. A assistência aos indigentes, pág. 303.—Os seguros sociais, pág. 305.—As leis industriais, pág. 306.

CAPÍTULO XVII — *A extensão do Império inglês* 308

A ocupação de Singapura, pág. 308.—A ocupação das costas da Birmânia, pág. 309.—O Indostão é unificado sob a soberania da Companhia Inglesa das Índias, pág. 309.—A Inglaterra implanta na Índia a noção de liberdade, pág. 309.—A liberdade económica substitui o sistema do monopólio colonial, pág. 310.—As instituições liberais da Inglaterra penetram na Austrália, pág. 310.—A Inglaterra rodeia o mundo de escalas marítimas, pág. 312.—O Cabo torna-se um estabelecimento anglo-saxão, pág. 312.

CAPÍTULO XVIII — *Os cultos.**A restauração da Igreja católica* 314

Após a crise da Revolução e do Império, a Igreja vê-se privada de autoridade temporal e dos seus bens, e sujeita por toda a parte à autoridade do Estado, pág. 314.—A Igreja adapta-se às novas condições sociais e políticas, pág. 315.—A unidade interna da Igreja é fortalecida, pág. 317.

2. *Os cultos não-católicos* 318

A evolução liberal do calvinismo, pág. 318.—O luteranismo permanece estreitamente preso à concepção do Estado, pág. 319.—A emancipação dos Judeus, pág. 319.

CAPÍTULO XIX — *A vaga da reacção na Europa (1815-1824).*1. *A liquidação da guerra. A Rússia tenta disputar a hegemonia à Inglaterra*

321

Todos os Estados do continente, à excepção da França e dos Países Baixos, voltam às instituições políticas de antigo regime, pág. 321. — A Inglaterra e a Rússia disputam a hegemonia, pág. 322. — A rivalidade de influência entre a Inglaterra e a Rússia na França, na Espanha e nos Países Baixos, pág. 323. — Alexandre I proclama solenemente o pacto da Santa Aliança, pág. 325. — O czar procura opor à quádrupla aliança uma «entente» da Rússia com a França e a Espanha, pág. 326. — A Inglaterra recusa-se a aderir à Santa Aliança, pág. 327. — A França recupera a independência da sua política, pág. 327. — A Espanha pede a mediação das potências, inclusive a da França, pág. 327. — As políticas de hegemonia da Inglaterra, da Rússia e da Áustria em conflito acerca da ocupação da França, pág. 328.

2. *O congresso de Aix-la-Chapelle (1818)*

28

A posição dos Estados Unidos da América perante a Europa, pág. 329. — A Inglaterra afasta os Estados Unidos do congresso de Aix-la-Chapelle, convocando-os para a conferência de Londres, pág. 331. — O congresso de Aix-la-Chapelle resolve o problema das reparações e põe termo à ocupação da França, pág. 332. — Elaboração de um novo estatuto político da Europa, pág. 333.

3. *A estabilização da monarquia constitucional na França e a intervenção das monarquias absolutistas contra o liberalismo dos povos ocidentais*

As diversas tendências do pensamento francês aderem à monarquia constitucional, pág. 335. — O progresso do liberalismo em França, pág. 335. — Metternich esmaga o movimento liberal na Alemanha, pág. 336. — Na Espanha, uma revolução militar força Fernando VII a aceitar a constituição de 1812, pág. 339. — A revolução espanhola provoca uma sublevação no reino de Nápoles, pág. 339. — Uma insurreição implanta o constitucionalismo em Portugal, pág. 339. — O malogro da tentativa constitucional restabelece em Portugal as instituições de antigo regime, pág. 340. — O congresso de Troppau afirma o direito de intervenção das potências na vida política interna dos Estados europeus, pág. 340. — Na França, os «ultras» voltam ao poder, pág. 341. — O congresso de Laybach incumbe a Áustria de restabelecer o absolutismo no reino de Nápoles, pág. 342. — A Áustria reprime a insurreição liberal do Piemonte, onde restabelece o absolutismo, pág. 343. — Metternich leva as potências a não apoiarem a sublevação dos cristãos dos Balcãs contra a Porta, pág. 343. — Sob a influência dos «ultras», a França aproxima-se das monarquias absolutas, pág. 343. — Perante o malogro da sua política continental, Castlereagh suicida-se, pág. 344. — A França dispõe-se a intervir na Espanha, pág. 344.

4. *O congresso de Verona (1822)*

As potências negam-se a apoiar a luta da Grécia pela independência, pág. 345. — O congresso de Verona incumbe a França de restaurar o absolutismo na Espanha, pág. 346. — A intervenção francesa em Espanha, pág. 347. — O governo de Villèle empreende uma política de restauração do absolutismo em França, pág. 347. — A ruptura do directório europeu, pág. 348.

CAPÍTULO XX — *A independência da América Latina e a doutrina de Monroe*

As potências continentais opõem-se à independência das colónias espanholas, bem vista pelas potências marítimas, pág. 349. — A luta pela independência, pág. 350. — Os estados Unidos reconhecem a independência das antigas colónias espanholas, pág. 351. — Bolívar tenta reunir as novas repúblicas americanas numa confederação, pág. 351. — Monroe declara a América fechada doravante à colonização, pág. 351. — A Inglaterra proclama a intenção de reconhecer a independências das repúblicas espanholas da América, pág. 352. — A Europa reconhece as repúblicas sul-americanas, pág. 352. — O Brasil torna-se um império constitucional, pág. 353.

CAPÍTULO XXI — *A vitória do liberalismo no Ocidente.**O fim da Santa Aliança e a independência da Grécia* 356

A guerra da independência da Grécia desfaz o bloco das potências continentais, pág. 357 — A morte de Alexandre I provocou uma tentativa de insurreição liberal na Rússia (Dezembro de 1825), pág. 357. — A independência da Grécia, pág. 358.

A revolução de 1830 em França 360

Malogra-se a política do ministério Villèle, pág. 360. — O ministério Martignac tenta uma política moderada, pág. 362 — A última tentativa extremo-direitista do ministério Polignac, 362. — A França apodera-se de Argel, pág. 362. — A revolução de Paris derruba Carlos X (Julho de 1830) pág. 362.

A revolução belga de 1830 365

O difícil amálgama entre a Holanda e a Bélgica, pág. 365 — Guilherme I protege a indústria belga, pág. 367. — O desenvolvimento do ensino, pág. 368. — A oposição católica, pág. 368. — A oposição liberal, pág. 369. — A oposição nacional, pág. 370 — A revolução de 1830, pág. 370 — A Bélgica independente estabelece a mais liberal constituição do mundo, pág. 371. — A conferência de Londres reconhece a Bélgica como reino independente e perpétuamente neutral, pág. 372. — Leopoldo de Saxe-Coburgo torna-se rei dos Belgas, pág. 373.

4. *A Inglaterra regressa ao liberalismo* 373

O período reaccionário 1816-1822, pág. 373. — O torismo reformista, pág. 375. — A emancipação dos católicos, pág. 376. — Os liberais voltam ao poder, pág. 376. — O primeiro caminho de ferro, pág. 377.

A Inglaterra e a França intervêm para garantir a independência da Bélgica 377

A intervenção armada da França contra a Holanda, pág. 377. — O tratado de 1839 amputa a Bélgica de uma parte do Luxemburgo e do Limburgo, pág. 378,

Os movimentos liberais na Suíça e na Itália 378

O liberalismo triunfa na maioria dos cantões suíços e impõe-se à dieta federal, pág. 378 — A Austria reprime a insurreição liberal no centro da Itália, onde restabelece o antigo regime, pág. 379,

7. *O regime constitucional é estabelecido em Portugal e na Espanha . . .* 381
 Fernando VII vê-se obrigado a recorrer às Cortes para fazer aceitar os direitos de sua filha, pág. 381. — A luta em Portugal entre o absolutismo e o constitucionalismo, pág. 381. — O regime constitucional é restabelecido em Portugal com o apoio da França e da Inglaterra, pág. 382. — Na Espanha, a regente Maria Cristina promulga o Estatuto real, pág. 382. — A Inglaterra, a França, Portugal e a Espanha formam uma quadrupla aliança, pág. 382. — Intervêm na Espanha forças anglo-franco-portuguesas para apoiar o governo constitucional de Maria Cristina, pág. 382. — A guerra civil dos carlistas reaccionários e a insurreição dos progressistas, pág. 383. — As Cortes estabelecem um regime constitucional e parlamentar, pág. 383. — Em Portugal é estabelecido o regime constitucional, pág. 384.

CAPÍTULO XXII — O malogro dos movimentos liberais na Europa central.

1. *Na Alemanha, a agitação liberal fortalece a reacção . . .*
 A agitação liberal une os soberanos alemães em torno de Metternich, que domina a dieta, pág. 385. — A solidariedade alemã afirma-se no *Zollverein*, pág. 386.
2. *O malogro da revolução nacional na Polónia . . .*
 Alexandre I destrói o regime constitucional na Polónia, pág. 387. — Apesar de Nicolau I ter restabelecido a constituição, o movimento nacional transforma-se em insurreição, pág. 387. — A revolução polaca de 1830 triunfa momentaneamente, pág. 388. — O fim da independência polaca, pág. 389. — A Rússia perde o prestígio na Europa, pág. 389.
3. *As revoluções de 1830 reforçam o poder de Metternich e fazem reviver a colaboração da Austria, da Prússia e da Rússia na defesa do absolutismo . . .* 390

Índice dos mapas. 393

Índice das matérias